

LETRAS, ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO E PIBID: DIFERENTES CAMINHOS NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

Danielly Pereira dos Santos Silva (IC) e Valéria Bussola Martins (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Para receber a habilitação para ministrar aulas de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, todo aluno da Licenciatura em Letras tem de cumprir o Estágio Curricular Supervisionado. Esse momento representa a primeira oportunidade que o futuro professor tem de analisar a realidade educacional das aulas de leitura, compreensão, interpretação, produção textual e análise linguística em língua materna, depois de ter recebido, nos bancos universitários, os referenciais teóricos de estudiosos que há anos dedicam suas pesquisas ao ensino de Língua Portuguesa, como Antunes (2011, 2012 e 2016) e Soares (2005). Trata-se, portanto, de um momento muito importante da formação docente inicial em que os graduandos podem refletir sobre as metodologias de ensino do português. Desde 2008, há, também, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa, principalmente, à valorização do magistério. O programa oferta aos licenciandos a oportunidade de ministrar, semanalmente, aulas de diversos componentes curriculares, como Língua Portuguesa, para alunos da rede pública de Educação Básica no Brasil. É a partir dessas duas experiências, o estágio e o PIBID, que surge este trabalho que tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento: quais são os benefícios do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório e do PIBID para a formação docente inicial? Estágio Curricular Supervisionado, para muitos, é como uma experiência nunca vivenciada que é desejada com entusiasmo. O PIBID, por sua vez, envolve a prática docente, sendo assim, mais significativo, do ponto de vista da formação, do que apenas ser observador do funcionamento escolar. Como referencial teórico, foram usados os pensamentos de Martins (2014 e 2021), Noffs e Rodrigues (2016), Pimenta e Lima (2008) e Saviani (2011).

Palavras-chave: Letras. Estágio. PIBID.

ABSTRACT

To receive the qualification to teach English classes in the final years of elementary school and high school, every student coursing a Languages Licentiate course must complete a Supervised Internship. This moment represents the first opportunity that the future teacher will have to analyze the educational reality of classes ministered in their native tongue (reading

classes, text comprehension, etc.), after having received, throughout their collegial careers, the theoretical references from scholars who, for years, dedicated their research to studying the way Portuguese is taught, such as Antunes (2011, 2012 André 2016) and Soares (2005).

Therefore, this is a very important moment of a young teacher's path, in which undergraduates can reflect on Portuguese's teaching methodologies. Since 2008, there has also been the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), offered by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), which aims, mainly, to increase the appreciation for education. The program offers undergraduates the opportunity to teach weekly classes of various curricular components, such as Portuguese, to students from the Public Education network in Brazil. Both experiences, the internship and the PIBID, motivated this work and its research problem, which is: what are the benefits of the Mandatory Supervised Internship and PIBID for the training of a novice teacher? Supervised Curriculum Internship, for many, is like an unexperienced experience that is eagerly desired. The PIBID, in turn, involves teaching practice, thus being more significant, from the point of view of training, than just being an observer of school functioning. As a theoretical framework, the thoughts of Martins (2014 and 2021), Noffs and Rodrigues (2016), Pimenta and Lima (2008) and Saviani (2011) were used.

Keywords: Languages. Internship. PIBID

1. INTRODUÇÃO

O aluno de Letras que escolhe cumprir a habilitação em Licenciatura, normalmente, ao que se espera, tem o anseio de se tornar professor, seja de Língua Portuguesa e/ou Língua Estrangeira. Desde o momento da escolha da profissão, muitos estudantes se deparam e têm de lidar com comentários e questionamentos acerca de sua escolha. “Por que ser professor?” e “Tem certeza de que quer passar o resto da vida ganhando pouco e aturando falta de respeito?” são algumas perguntas frequentes que, infelizmente, cercam os discentes em formação docente inicial.

Outro fator que pode desestimular os licenciandos é o fato de o Curso de Letras dar mais ênfase e importância aos componentes curriculares Língua e Literatura, enquanto que as disciplinas pedagógicas têm menor espaço e são descritas, inclusive, como complementares. Segundo Lajolo (1988, p. 01), essa realidade, já atingia os Cursos de Letras no período de sua criação no Brasil nos anos 30 do século passado.

[...] estes cursos criados nos anos trinta não tinham em comum apenas a designação de Letras, nem a amplidão dos objetivos que presidiram à sua criação. Eles aparentavam-se também - e o parentesco ainda persiste - pela configuração bipartida que assumia a forma de consecução de seus objetivos: confinavam a licenciatura (então chamada Licença Magistral) a umas tantas matérias cursadas fora do curso de Letras, e num ano que se somava aos anos dedicados às línguas e literaturas.

Formar professores competentes talvez seja o principal e mais belo papel do Curso de Letras já que no Brasil a procura por bons professores só aumenta, pois há “um contingente - ainda excessivo - de indivíduos que exercem as funções docentes no âmbito da Educação Básica, no Brasil, sem qualquer preparo para tal” (VASCONCELOS, 2012, p. 15).

De acordo com o *Anuário Brasileiro da Educação Básica*, de 2019, organizado pela ONG Todos pela Educação e pela Editora Moderna, há falta de bons professores por todo o país e, enquanto esse quadro não mudar, dificilmente, a educação conseguirá atingir melhores resultados.

Em entrevista concedida ao *Jornal Nacional*, em junho de 2019, Priscila Cruz, presidente executiva da Todos pela Educação, tratou da formação docente no Brasil e explicou que:

[...] a gente precisa entender de uma vez por todas que a qualidade da educação, a qualidade do ensino, nunca será superior à qualidade dos seus professores. Então, ou o Brasil leva a sério a atratividade para a carreira e a formação desses professores ou a gente vai perder essa batalha e perder essa batalha é perder a possibilidade de ter um futuro melhor”, avaliou Priscila Cruz, presidente executiva do Todos pela Educação.

Evidentemente, que os componentes curriculares que tratam da Língua Portuguesa e das Literaturas são cruciais para a formação docente. Sem conhecimentos básicos, é muito difícil ministrar uma boa aula, porém são igualmente imprescindíveis as disciplinas pedagógicas que têm como meta levar os futuros professores a pensarem na melhor forma de construir o conhecimento dos seus alunos.

Todavia, existe outro marcante fator a ser levado em consideração quando se reflete sobre a formação docente no Brasil. Além dos comentários infelizes e desmotivadores que a maioria dos graduandos do Curso de Letras ouve e da falta de valorização dos componentes curriculares pedagógicos, há o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório que, na teoria, tem como objetivo aproximar o graduando da realidade escolar, capacitando-o para as aulas que ministrará futuramente. Entretanto, na prática, é durante as horas de estágio cumpridas que muitos universitários acabam se frustrando ainda mais com a sua formação, pois também sofrem desencorajamento nas escolas de Educação Básica, local em que se efetivam os estágios.

Há, contudo, desde 2008, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), conduzido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visa, principalmente, à valorização do magistério. Com esse programa, os licenciandos têm a oportunidade de conhecerem, de forma prática, a realidade da profissão em que irão atuar no futuro, além de receberem uma bolsa auxílio de R\$400 devido a aulas que são ministradas semanalmente em uma escola pública, selecionada pela instituição formadora.

A proposta é a de que, durante o tempo determinado por um contrato, os participantes do programa se dirijam a uma escola pública e ministrem aulas do componente curricular para o qual buscam a habilitação.

Os pibidianos, como são chamados, são orientados por um professor da universidade que tem experiência na Educação Básica e que ministra aulas dos componentes curriculares pedagógicos. Esse docente oferece todo o auxílio necessário durante a pesquisa prévia para a montagem das aulas e durante a elaboração de material pedagógico que será usado na escola de Educação Básica. Além disso, um outro professor, agora docente da Educação Básica, acompanha o pibidiano durante a aula ministrada, ou seja, os graduandos são acompanhados de perto no momento de preparação da aula, durante a aula e após à aula, quando reflexões sobre o que ocorreu satisfatoriamente ou não sempre ocorrem.

Foi a partir desse contexto que envolve a formação docente nos dias atuais no Brasil que essa pesquisa surgiu, tendo como meta a resolução do seguinte problema de pesquisa: quais são os benefícios para a formação docente atingidos com o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório e com o PIBID?

A autora desta pesquisa escolheu a área de formação docente como tema deste trabalho por ser estudante do Curso de Letras, por já ter passado pelo Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório, por ter sido bolsista CAPES no PIBID e por considerar que é emergencial mudarmos as perspectivas dos cursos de Licenciatura para que cada vez mais jovens se sintam motivados a procurar a carreira docente.

Dessa forma, descreveu-se todo o percurso do licenciando ao longo do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório e durante o PIBID, investigando-se semelhanças e diferenças. Ademais, almejou-se concluir qual dos dois caminhos de formação inicial oferta mais benefícios para o futuro professor.

Buscou-se, ainda, oferecer informações importantes sobre a relação do licenciando com o ambiente da Educação Básica durante a formação inicial. Segundo uma pesquisa sobre a valorização da docência, da Varkey Foundation (entidade que se dedica à melhoria da educação do mundo), aplicada em 35 países, no ano de 2018, o Brasil é o país que menos valoriza seus professores. Isso afeta a formação dos alunos dos cursos de Licenciatura (VITORINO, 2018).

Por isso, estudos sobre essa temática são tão importantes. Essa situação precisa ser alterada: docentes precisam ser valorizados e mais jovens precisam se sentir motivados a escolher a sala de aula como seu caminho profissional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Estágio Curricular Supervisionado é uma obrigatoriedade legal para todos os estudantes de Licenciatura, ou seja, esse momento faz parte da formação de todos aqueles estudantes que desejam se tornar professores. Esse estágio representa o período de prática pedagógica do graduando. Dessa maneira, essa experiência durante a graduação pode auxiliar na familiaridade com a rotina escolar e com as atividades habituais de professores, como preparação de aula, de materiais e de projetos pedagógicos.

Assim, o Estágio Curricular Supervisionado deve complementar os componentes curriculares pedagógicos da Licenciatura e tudo que é debatido e apreendido nessas aulas. Os objetos do conhecimento ministrados pelos professores, com auxílio de grandes teóricos e educadores da história, devem propiciar reflexões sobre a real prática docente, ou seja, o que ocorre no dia a dia dos profissionais da educação. A meta é que, após esse primeiro momento, nos bancos universitários, quando se iniciar o Estágio, o graduando consiga observar a relevância de tudo aquilo o que foi debatido, de maneira teórica, no campo

universitário e estabeleça relação com as aulas assistidas na Educação Básica (BIANCHI; ALVARENGA; BIANCHI, 2005).

De acordo com Saviani (2011, p. 02), a formação de professores, hoje, diferencia-se do modelo antigo - denominado por ele como “modelo dos conteúdos culturais-cognitivos de formação de professores” - de se conduzir a Licenciatura. A formação docente antiga partia do conceito de que “a formação de professores se esgota na cultura geral e no domínio específico dos conteúdos da área de conhecimento correspondente à disciplina que o professor irá lecionar” ou seja, antes, a formação didático-pedagógica acontecia “em decorrência do domínio dos conteúdos do conhecimento logicamente organizado, sendo adquirida da própria prática docente ou mediante mecanismos do tipo treinamento em serviço” (SAVIANI, 2011, p. 03).

Atualmente, tem-se a proposta de formação docente também evidencia a prática. É necessário que as instituições de ensino assegurem, a partir de seu currículo, a preparação pedagógico-didática dos graduandos:

A formação de professores só se completa com o efetivo preparo pedagógico-didático. Em consequência, além da cultura geral e da formação específica na área de conhecimento correspondente, a instituição formadora deverá assegurar, de forma deliberada e sistemática, por meio da organização curricular, a preparação pedagógica-didática sem o que não estará, em sentido próprio, formando professores (SAVIANI, 2011, p. 03).

É a partir dessas circunstâncias que o Estágio Curricular Supervisionado se torna basilar e vital para que o “modelo pedagógico-didático de formação de professores” denominado por Saviani (2011, p. 03) encaminhe os atuais cursos de Licenciatura.

O Estágio, entretanto, historicamente, não era tido como prioridade. No Império, por exemplo, a Escola Normal não previa a obrigatoriedade de um Estágio. Apenas com a criação dos cursos de Licenciatura no Brasil, em 1930, é que a obrigatoriedade do Estágio teve surgimento. Contudo, sua definição e objetivos só foram esclarecidos nove anos depois, por meio do Decreto-lei nº. 1.190 de 1939 (PIMENTA, 2008).

Anos depois, o Conselho Federal de Educação (CFE) - atual Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio da Resolução nº. 09 de 1969, deliberou a necessidade da prática de ensino, fazendo-a presente na grade dos cursos de Licenciatura. Assim, os Estágios de observação surgiram de fato.

A relação teoria e prática ganhou, então, cada vez mais evidência, o que pode ser comprovado, por exemplo, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de dezembro de 1996. O inciso II, do parágrafo único do Art. 61, ressalta que a formação dos

profissionais da educação tem de ser fundamentada na “associação entre teorias e práticas, mediante Estágios Supervisionados e capacitação em serviço” (NEVES, 2010, p. 70).

Em termos de regulamentação, o Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução CNE/CP nº. 01, de 18 de fevereiro de 2002, no §3º só Art. 13 estabelece que: o Estágio deve se realizar em escolas de Educação Básica; um regime de colaboração entre os sistemas de ensino deve ocorrer e todo o processo deve ser avaliado conjuntamente pela instituição superior formadora e pela escola na qual se concretiza o Estágio.

Ademais, o Parecer CNE/CES nº. 109, de 13 de março de 2002, ao tratar da inclusão do Estágio na grade curricular dos cursos de Licenciatura determina que:

Cada Instituição de Ensino Superior, portanto, deverá incluir no seu projeto pedagógico como componente curricular obrigatório, o Estágio Curricular Supervisionado de ensino **como um momento de capacitação** em serviço de 400 horas, que deverá ocorrer em unidades escolares onde o estagiário, ao final do curso, assuma efetivamente, sob supervisão, o papel de professor (BRASIL, 2002, p. 02).

Na teoria, o Estágio parece realmente ser uma experiência instigante e encorajadora, principalmente porque é por meio dele que a maioria dos graduandos têm sua primeira experiência com uma escola depois de se formar na Educação Básica. Agora, não estarão na escola como alunos, mas sim como futuros profissionais da área.

Contudo, no local em que os licenciandos deveriam ser, de fato, motivados e auxiliados, para que pudessem aprender e acumular experiências que os ajudariam durante a trajetória profissional, eles são, muitas vezes, desmotivados, inclusive, pelos próprios professores das escolas de Educação Básica. Devido a essa triste realidade, não é pequeno o grupo de estudiosos que questiona, na atualidade, a valia dos Estágios Curriculares Supervisionados Obrigatórios.

Outra questão importante envolve o fato de que são inúmeros os estagiários que apenas podem observar as aulas assistidas durante o Estágio, não realizando nenhuma atividade docente do dia a dia, como explicação de um determinado objeto de conhecimento ou correção de exercícios e redações. Destaca-se que as escolas privadas são as que mais determinam essa conduta: o estagiário apenas pode observar as aulas, sem proferir uma única palavra. Nas escolas públicas, por sua vez, os estagiários, algumas vezes, são colocados na frente de uma sala de aula de 40 alunos sem aviso prévio, simplesmente, porque o professor titular faltou. Isso não pode ser chamado de formação docente inicial adequada.

Em direção oposta, existe o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de incentivo à docência para alunos de Licenciatura que desejam, de fato, desde a graduação,

terem a experiência do que é vivenciado em sala de aula na Educação Básica brasileira. Os objetivos do programa (CAPES, 2008) são: incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre Educação Superior e Educação Básica; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

Para além, o programa concede bolsas de R\$400,00 a alunos que escolhem participar do projeto. Com a orientação de um professor da Universidade, os pibidianos pesquisam materiais, leem textos, preparam aulas, criam materiais pedagógicos e, ainda, redigem um relatório oficial que é entregue à CAPES e à Universidade em que estudam.

O PIBID também concede bolsas aos professores supervisores das escolas da rede pública de Educação Básica e aos professores coordenadores do projeto das Instituições de Ensino Superior.

Na prática, uma vez por semana, os participantes do programa se dirigem até uma escola pública e ministram uma aula sobre algum objeto de conhecimento, na maioria das vezes, proposto pelo professor da escola que acompanha os participantes durante as aulas.

A instituição que organiza o projeto, a CAPES (2008), evidencia, em seu *site*, que “os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de Educação Básica.

Teoricamente, tanto o período de Estágio Curricular Supervisionado quanto o de PIBID deveriam ser muito válidos para a formação docente inicial. Contudo, com o passar dos anos, surgem cada vez mais relatos de trabalhos, expondo que o PIBID oferta ao licenciando algo que o Estágio, normalmente, não oferta:

O Pibid se apresenta como uma grande oportunidade para as universidades e suas licenciaturas repensarem sua formação na perspectiva da intervenção na unidade escolar. Consequentemente, sua manutenção se apresenta como essencial, pois é com as experiências bem-sucedidas que poderemos qualificar a formação na escola e na universidade (AQUINO; RODRIGUES, 2016, p. 372).

As diferenças de realidades vivenciadas durante o Estágio e o PIBID são, demasiadamente, claras. O PIBID oferta, na maioria das vezes, uma prática docente que o Estágio não oferta. É de extrema relevância entender que as experiências obtidas na graduação são muito importantes para a consolidação do profissional da educação:

Os saberes não são o fruto de uma transmissão, mas de uma apropriação e de uma produção; eles são ligados ao autor profissional e à sua pessoa. A formação do professor tomará não o aspecto de uma transferência de conhecimentos descontextualizados, mas uma reinterpretação de um discurso pedagógico próprio a cada um dos formados (ALBUQUERQUE, 2006, p. 15).

Esta pesquisa, então, voltou-se para a compreensão dessas diferentes experiências que os graduandos de licenciatura do curso de Letras podem ter durante sua trajetória universitária e como essas experiências influenciam em suas vidas, decisões e preparo para, enfim, exercerem a profissão docente.

3. METODOLOGIA

Graças à investigação é que surgiram tantas conquistas na história da humanidade. Não há área do conhecimento humano em que a pesquisa esteja ausente:

A pesquisa é importante porque subsidia as soluções dos problemas em virtude da mesma ser colocada acima de posturas individuais. É, portanto, um meio de aperfeiçoamento que pode indicar as falhas e oferecer possíveis direções para que as decisões sejam mais eficientes e mais econômicas (GRESSLER, 1998, p. 27).

Ao delimitar problemas, analisar as variáveis que os influenciam, formular hipóteses com um embasamento teórico, coletar dados, analisar e refletir para chegar a uma conclusão, o ser humano cresce intelectualmente, pois enfrenta as questões de maneira científica.

Levando-se em consideração todos esses fatores e almejando a busca da compreensão e proposta de solução do problema que envolve os benefícios para a formação docente atingidos com o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório e com o PIBID, optouse, para o presente trabalho, inicialmente, pela pesquisa qualitativa, partindo-se da bibliográfica uma vez que foram feitas consultas a diferentes autores e a suas teorias para os assuntos em questão.

A pesquisa bibliográfica “tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno” (OLIVEIRA, 1997, p. 119). Também serão feitas análises de toda a legislação atual que trata tanto do Estágio Curricular Supervisionado quanto do PIBID.

O Estágio Curricular Supervisionado, para muitos, é como uma experiência nunca vivenciada que é desejada com entusiasmo. É, muitas vezes, o primeiro contato com a Educação Básica após o início da graduação, ou seja, após passar anos crescendo como aluno do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Durante o estágio, o graduando volta para o âmbito escolar como observador, agora com os referenciais teóricos estudados na universidade, e, em pouco tempo, atuará como docente.

O PIBID, por sua vez, envolve a prática docente, sendo assim, mais significativo, do ponto de vista da formação, do que apenas ser observador do funcionamento escolar. Os pibidianos têm função ativa na escola em que ocorre o programa, atuando como professores que pesquisam temas, preparam atividades, montam materiais e ministram aulas.

Posteriormente, foram descritas as duas experiências possíveis durante o período de formação já que a autora deste trabalho ainda cumpre, no curso de Letras, horas de estágio e fez parte de uma das edições do PIBID (de agosto de 2018 a janeiro de 2020).

Na sequência, foi elaborada uma pesquisa - por meio do Google Forms - com questionamentos acerca de experiências vivenciadas a partir do Estágio Curricular Supervisionado e do PIBID que será direcionado a alunos e antigos alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie, do curso de Letras, que passaram pelas duas experiências anteriormente citadas. Assim, para além das experiências próprias da pesquisadora, relatos de outros graduandos também foram usados para compor os resultados dos objetivos dessa pesquisa.

A ideia central foi propor questões que levassem os graduandos a: relatarem eventos positivos e/ou negativos sobre suas experiências no Estágio Supervisionado Curricular e no PIBID; explicassem se as experiências impactaram suas vidas pessoal, acadêmica e profissional e tivessem liberdade para fazer recomendações aos graduandos de Licenciatura.

Após o fechamento do Google Forms, todas as respostas foram analisadas e interpretadas para que os benefícios tanto do Estágio quanto do PIBID fossem elencados. Finalizada essa etapa, esperou-se que fosse possível determinar qual dos dois caminhos de formação inicial oferta mais benefícios para o futuro professor.

Essa pesquisa evidenciou que as experiências docentes obtidas na graduação ajudam os futuros professores para que eles possam se tornar profissionais mais bem instruídos e conscientes de seu papel em ajudar na melhoria de um dos elementos mais fundamentais da vida: a educação. Afinal, “a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1996, p. 24).

É indispensável salientar que o intuito dessa pesquisa não foi demonstrar que Estágio Curricular Supervisionado é uma experiência negativa para os licenciandos. A própria pesquisadora teve experiências positivas durante os Estágios. No entanto, o foco do trabalho foi entender como cada experiência (Estágio e PIBID) influencia mais acertadamente no que diz respeito ao preparo significativo para a docência.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. DESCRIÇÃO DETALHADA DA ROTINA DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DA PESQUISADORA

A partir do segundo semestre do curso de Letras no Mackenzie, a pesquisadora deste trabalho foi orientada sobre a obrigatoriedade do Estágio Curricular Supervisionado. É nesse semestre que há o contato com a primeira disciplina voltada para análise educacional: Docência na Contemporaneidade. O foco desse estágio é entender e analisar, principalmente, a relação dos professores com os alunos. Já nos semestres seguintes, os componentes curriculares responsáveis pelo estágio são Metodologias do Ensino (de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa) e daí o foco recai na descrição das aulas, na postura e na metodologia dos profissionais e no relacionamento dos alunos com os objetos do conhecimento e com a escola como um todo.

A rotina de estágio se inicia já com a inscrição na plataforma da faculdade. Na Universidade em que a pesquisadora deste texto cumpriu suas horas de estágio, há um trâmite para que os alunos possam retirar uma Ficha de Estágio. Existe, ainda, um Núcleo de Estágios que faz uma série de solicitações que devem ser atendidas pelos estagiários para que a ficha seja liberada. Dentre esses pedidos, pode-se citar a necessidade de uma foto do estagiário e contratos assinados pelo diretor da escola que recebe o graduando.

Depois de retirada a Ficha de Estágio, os alunos da graduação podem e precisam se organizar para começar o estágio, já que não podem ultrapassar 6 horas diárias e também há um prazo que deve ser respeitado, uma data limite para que as fichas sejam assinadas pelos professores da escola de Educação Básica. Sendo assim, mais uma parte importante da rotina de estágio se inicia: planejar seus horários com os horários da escola a fim de que se consiga realizar todas as horas corretamente e dentro do prazo estabelecido.

Com os horários disponíveis, parte-se para a ação de estagiar. O estagiário precisa ir até a escola e assistir às aulas que foram combinadas com o professor. A ideia é que os

graduandos observem a prática daquilo que foi discutido teoricamente nos componentes curriculares da Licenciatura e se estabeleça uma relação com as aulas assistidas nos anos finais do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio.

A partir de toda a observação das horas cumpridas e assinadas, o graduando precisa partir para a última fase do processo: a elaboração do relatório de estágio. O professor responsável pelo componente curricular que faz a supervisão do estágio, normalmente, oferta um modelo de relatório que o estagiário deve seguir. Nesse documento, há orientações de como as aulas e observações em geral devem ser descritas. Além disso, sempre há, no relatório de estágio, um momento particular de reflexão dos graduandos em relação ao que foi experienciado.

Por fim, cabe ao professor universitário analisar o relatório dos discentes, atribuir uma nota e assinar a Ficha de Estágio para que o aluno tenha, enfim, concluído o Estágio Obrigatório. Como já exposto anteriormente, é no estágio que os alunos devem ter a oportunidade de observar aquilo que discutiram em sala de aula na universidade e, por que não, serem estimulados a permanecerem na área educacional. Contudo, não é sempre isso o que ocorre. Faz parte da rotina de muitos estagiários serem colocados em turmas sem professores para fazer papel de “professor substituto”, mesmo sem ter esse vínculo com a escola. Além disso, é mais comum do que se pensa que os estagiários sejam desestimulados desde o primeiro dia em que pedem a assinatura do diretor da escola no contrato de estágio. A pesquisadora deste texto passou por essas situações.

Sobre o relatório de estágio, também faz parte da rotina de muitos estagiários a obrigação de oferecer o relatório primeiro ao diretor da escola em que o estágio foi realizado, para que ele possa aprovar ou não o seu estágio. Há escolas em que o diretor só assina a Ficha de Estágio dos alunos que falam bem da instituição, mesmo nos casos em que há vivências pedagógicas não tão boas. Essa prática parece uma forma de censura.

Portanto, fica claro que a rotina de estágio, apesar de começar e terminar da mesma forma para todos os alunos de uma mesma instituição universitária, no decorrer da ação de estagiar, cada aluno vai vivenciar diferentes situações escolares.

4.2. DESCRIÇÃO DETALHADA DA ROTINA DO PIBID

O PIBID é apresentado aos discentes da Licenciatura pelos professores da universidade. É importante que esse momento exista já que é o primeiro contato dos alunos com o programa. A partir do conhecimento do programa e do interesse por parte do aluno, a rotina do PIBID se

inicia. Os alunos interessados conversam com o orientador do PIBID para que as instruções sejam dadas. Há um processo bastante importante de cadastro na plataforma CAPES e assinatura de contrato, formalizando a relação do aluno com o programa.

Depois disso, os pibidianos são divididos em grupos e recebem as primeiras informações sobre a escola, horários, sala e objetos do conhecimento a ser trabalhados e

habilidades a serem desenvolvidas nos alunos. A partir daí, começa a ação dos alunos. É necessário que se tenha um planejamento e organização do grupo para que as obrigações sejam realizadas e cumpridas. Dentre essas obrigações, pode-se destacar definir o dia que será reservado para a preparação das aulas, como e qual atividade será desenvolvida, separar o que cada um vai fazer na aula e estabelecer os dias em que, por exemplo, serão feitas as cópias dos exercícios.

Com todos os itens acima definidos, os pibidianos devem começar a executá-los. Primeiro, analisar o tema da semana, estudar e pensar na aula. Após isso, de fato, criar a aula, usando materiais lúdicos e se atentando à estética. Da mesma forma, planejar as atividades que serão feitas após a exposição do conteúdo, sendo que as atividades devem ser interessantes e instigantes. Tudo isso é pensado pelos próprios pibidianos, com o auxílio do professor-orientador da instituição formadora, no caso a universidade, e do professor responsável pela turma da Educação Básica.

No dia da aula, é importante que tudo já esteja pronto e planejado. Os pibidianos vão até a escola no horário definido e têm, aproximadamente, 1 hora e 40 minutos para ministrar a aula e realizar os exercícios. Depois do término da aula, os pibidianos se reúnem em um espaço reservado na escola para que possam trocar experiências, planejar mais aulas e receber *feedback* dos professores. Após esse tempo, os graduandos são liberados.

Do mesmo modo, faz parte da rotina do pibidiano fazer todos os planos de aulas de todo objeto do conhecimento ministrado. É necessário colocar o conteúdo, o que será feito e os objetivos das aulas e atividades pensadas. Além disso, é indispensável separar os arquivos dessas aulas e dos exercícios e elaborar um relatório final para que ao fim do ano letivo sejam entregues para a CAPES.

Ademais, falta de energia também pode fazer parte da rotina de pibidianos. A ideia do programa é que os alunos da Educação Básica tenham aulas mais dinâmicas, com o auxílio de recursos tecnológicos, contudo, imprevistos podem acontecer e, de fato, aconteceram algumas vezes durante o percurso da pesquisadora. A solução deve ser pensada também pelos pibidianos, de maneira rápida e eficiente. Sendo assim, no planejamento inicial também se leva em consideração possíveis problemas e soluções.

Portanto, o PIBID oferece uma vasta autonomia aos graduandos. É nesse período que realmente os futuros professores trabalham e se familiarizam com as obrigações docentes e com os imprevistos que a rotina escola podem oferecer.

4.3. RESULTADOS DETALHADOS DA PESQUISA E DISCUSSÃO

Depois de realizados os estudos teóricos sobre o Estágio Obrigatório e sobre o PIBID e finalizados os dois relatos das experiências vivenciadas pela pesquisadora desta Iniciação Científica, em dezembro de 2020, foi aplicada uma pesquisa com doze (12) antigos e atuais alunos do curso de Letras que já cumpriram algum estágio e que também foram pibidianos.

Em função da Lei Geral de Proteção de Dados, nenhum dado sensível foi coletado. Inicialmente, confirmava-se se o aluno tinha passado pelas duas experiências e, então, faziam-se duas perguntas aos entrevistados por meio do Google Forms: 1. O que o Estágio Obrigatório representou para a sua formação docente inicial? e 2. O que o PIBID representou para a sua formação docente inicial?

A seguir, estão as respostas obtidas:

	O que o Estágio Obrigatório representou para a sua formação docente inicial?	O que o PIBID representou para a sua formação docente inicial?
1	O estágio obrigatório proporcionou um contato primordial para meu futuro como professora. O estágio me proporcionou conhecer o que de fato é a docência, pois na teoria é algo e na prática é outra situação e poder ter o contato com os professores da escola e os alunos é enriquecedor.	O PIBID me proporcionou um primeiro contato com sala de aula pelos olhos de um professor. Me ajudou a entender o que são as habilidades da BNCC, o que atualmente os alunos mais se interessam e como preparar uma aula <i>on-line</i> .
2	O Estágio Curricular Supervisionado não me impactou tanto quanto a vivência do PIBID, uma vez que consistia apenas na observação das aulas. Assim, o Estágio não me permitia colocar em prática os conhecimentos que adquiria na licenciatura.	Impactou positivamente, já que, enquanto licenciando, me proporcionou uma vivência significativa em ambiente escolar que contribuiu para minha prática docente.
3	O Estágio Obrigatório representou para a minha formação docente inicial um primeiro contato com a sala de aula. Apesar, de ser uma estagiária observadora apenas, pude deixar o olhar de aluna de lado e olhar como discente a partir daqueles momentos no estágio.	Foi através do PIBID, que pude observar na prática o papel do professor na sala de aula. Na época do Ensino Fundamental, sempre achava que ser professor era só ir na frente da sala e dar aula. Mas anos depois, me vi na frente de uma sala e vi que não era apenas dar uma aula. Além de fazer a programação da aula, tive que pensar em planos B, C, D etc. O principal foi ver a paixão e o trabalho em equipe dos meus colegas que em breve serão excelentes docentes. Foi através do PIBID, também, que infelizmente, pude observar que meu lugar não é na sala de aula. Mas essa experiência foi a mais rica que pude viver e que me traz lindas lembranças.

4	Acredito que o Estágio Obrigatório fez com que eu tivesse um novo ponto de vista sobre o ensino, especificamente na rede pública, por ter estudado a vida toda em escola pública. Achei super interessante ter esse ponto de vista além de aluna, mas confesso que achei meio “raso”, pois não é como se eu realmente tivesse aprendido ou absorvido coisas práticas. Diria que foi mais um “choque” de realidade.	Acho que o PIBID foi um grande divisor de águas e esclarecedor para mim em vários aspectos, positivos e negativos. Lá no começo do curso, eu realmente não havia pensado em seguir na docência e tal, mas depois do PIBID, eu realmente vi essa possibilidade para mim e conseguir experimentar e vivenciar a prática foi muito boa, apesar de ela ter trazido a realidade que eu já sabia, que nem sempre será fácil. Há muitos desafios a serem enfrentados, não necessariamente há suporte para tudo isso e tal, mas acho que também me fez pensar sobre outras faixas etárias de ensino. Tive a experiência com os anos finais do Ensino Fundamental, e depois do PIBID me pego pensando em como seria uma experiência em Ensino Infantil, particular.
5	O Estágio Obrigatório representou meu primeiro contato direto como aprendiz de professor em sala de aula e foi um dos meus maiores formadores de metodologia como docente! Consegui assistir a professores incríveis e ver como eles conseguiam dar aula em turmas tão diferentes umas das outras foi um aprendizado enorme sobre paciência, persistência e empatia com o alunado na prática. Foi o que me salvou quando chegou minha vez de lecionar ♥	O PIBID foi a experiência mais linda da minha formação docente e pra mim representou uma das coisas mais incríveis da minha vida. O PIBID dá a oportunidade ao graduando de dar aula em sala de aula pela primeira vez, convivendo de pertinho com o sistema de ensino do país, colocando em prática toda a teoria estudada na faculdade e aprendendo que ela sozinha não é suficiente pra te preparar. Ter uma sala de aula que, apesar de assistida pelo professor responsável, era “só minha” (e do meu grupo) foi uma responsabilidade imensa. Foi algo inesquecível. Pela primeira vez, em uma sala de aula, eu era ao mesmo tempo aluna e professora, porque estava ali pra aprender a lecionar, e também para ensinar a matéria a uma turma enorme com os olhinhos todos em mim. Essa posição facilita o apego e a troca com a classe, porque eles conseguem se identificar. É a experiência mais gostosa do mundo ver que o que a gente aprendeu na faculdade está dando certo, porque nossas “crianças” reagem e correspondem aos nossos métodos. O PIBID ajuda a colocar o pé no chão dentro do sonho da docência, porque você aprende como é de verdade e se prepara para o mercado de trabalho.
6	O Estágio Obrigatório tem a função de se responsabilizar pelo registro de atividades durante o tempo de estágio e pelo devido cumprimento do período mínimo estipulado pela lei. São horas dedicadas ao colégio, muitas das vezes sem remuneração. Para mim, foi cansativo, pois além das horas trabalhadas, realizava o estágio e estudava. Acredito que se o Estágio Obrigatório fosse mais participativo seria mais válido, pois quando interagimos, aprendemos mais. Durante meus estágios, tentei ao máximo participar das aulas com os alunos e interagir para ter maior significado para mim.	O PIBID é um programa em função do qual os alunos graduandos vão aos colégios e colocam em prática projetos pensados e planejados em grupos de estudantes com apoio e auxílio de professores/mestres da universidade. Amei a experiência, porque além de pensar em propostas pedagógicas, para ajudar os alunos da rede pública de ensino a desenvolverem suas habilidades com uma educação significativa, aplicamos esses projetos com toda orientação dos nossos professores da faculdade. Colocamos a “cara a tapa” de fato. Podemos ver o que funciona ou não. É uma experiência rica, e os próprios alunos do ensino público nos recebem super bem e animados com o novo, que está por vir.
7	O estágio foi muito bom para ter uma visão geral da rotina dos professores na escola. Para mim, foi um pouco complicado achar uma escola que aceitasse estagiários, mas, a partir do momento que consegui, foi uma experiência interessante. O único ponto que eu gostaria que fosse diferente é a	O PIBID foi uma experiência mais ativa em comparação com o Estágio Obrigatório. No PIBID, tive a oportunidade de aprender a preparar aulas na prática, o que nunca tinha feito antes. Também consegui ter uma aproximação maior com os alunos. Não fui a pibidiana que mais ficou na frente

	participação na escola, porque o Estágio Obrigatório fica um pouco limitado apenas à observação porque os professores já estão com suas aulas planejadas e acabam não tendo tempo de incluir os estagiários nas atividades. No geral, eu gostei, porém, são muitas horas, o que acaba ficando um pouco repetitivo por causa da observação.	na hora da explicação da matéria. Como estávamos em grupo, acabamos dividindo as funções e eu acabei ficando mais com a parte de ir de mesa em mesa conferir e ajudar os alunos a fazerem as atividades propostas. De modo geral, acho que foi a experiência que mais me preparou para realmente estar em uma sala de aula como professora. Para mim, foi uma experiência ótima e a melhor experiência da formação inicial que já tive.
8	No estágio, eu observei as metodologias de ensino dos professores, como os alunos recebiam as reflexões sobre os conteúdos. Em alguns poucos momentos, interagia com os educandos. Mas só quando o professor permitia, na verdade. No estágio também conheci a gestão da escola.	No PIBID foi onde tive o contato com a prática na sala de aula. Graças a algumas aulas na graduação, de uma determinada professora, pude desenvolver atividades de forma lúdica, que nunca imaginei ser possível. Construí (mesmo que por pouco tempo) uma relação professor-aluno saudável, planejei aulas e fiz relatórios também eram diferentes dos que eram solicitados no estágio tradicional. No estágio tradicional, eu descrevia o que observava. Já no PIBID, senti que os relatórios eram mais próximos ao que um professor faz de verdade todos os dias na escola.
9	O Estágio Obrigatório representou a possibilidade de eu presenciar e acompanhar a prática docente como espectadora, podendo observar tudo o que aprendi na teoria durante as aulas da graduação, o que foi muito bom para que eu pudesse analisar o que eu achava que o professor do estágio estava fazendo e não funcionava com os alunos e o que eu poderia usar em sala de aula quando eu fosse atuar como docente.	O PIBID foi muito bom para a minha formação docente inicial, pois é o momento que eu tenho para poder me familiarizar com o ambiente escolar antes de me formar e aplicar de forma prática todo o conhecimento teórico que estou adquirindo durante os anos da graduação. Além disso, ter a ajuda de orientadores e colegas fez com que houvesse menos tensão ao atuar como docente pela primeira vez.
10	O Estágio Obrigatório foi proveitoso no sentido de podermos conhecer o dia a dia de uma escola e dos professores. Entender como o professor se portava na sala de aula, como era as suas aulas. Entretanto, apenas assistir a aulas não me preparava de fato para lecionar. Eram raros os momentos em que eu podia participar de forma ativa das aulas. Portanto, o Estágio Obrigatório auxilia na formação docente inicial, porém é insuficiente para preparar futuros professores para vida escolar.	O PIBID me deu a oportunidade de ver como é ser um professor na rede pública. Logo, com o PIBID, me sinto muita mais preparada para lecionar, pois tive que fazer isto e aprendi como estimular a participação dos alunos, lidar com as situações dentro da sala de aula. Portanto, o PIBID me trouxe confiança, experiência e preparo para a minha formação docente inicial porque nele consegui aplicar as teorias aprendidas na universidade.
11	Os Estágios Supervisionados que realizei no decorrer da minha formação inicial foi de grande valia para conhecer e viver o ambiente escolar como um todo. Adentrar na sala de aula com um professor e observar sua prática, me fez construir a minha identidade como docente, isto é, acrescentei didáticas e metodologias que considerei plausíveis. Por outro lado, retirei (até mesmo, não aderir) idealizações que tinha (por meio das aulas teóricas na Universidade). Por fim, penso que o Estágio Supervisionado não foi marcante em minha formação devido a este ser apenas de observação (entrar mudo, observar, anotar tudo e sair mudo). Se a modalidade fosse alterada e o professor da Universidade tivesse contato direto com a escola que realizei os estágios, a representatividade seria maior em minha formação como docente de educação básica. Percebia que não havia uma ligação entre a escola, o estagiário e a Universidade (disciplina que envolve o estágio).	O PIBID me fez atuar mais do que o Estágio Supervisionado, por ser um programa que atua para melhoria de aprendizagem dos alunos. Então, por muitas vezes, percebia a carência de conteúdo nos professores da rede pública e uma defasagem muito grande nos alunos. Por meio do programa, eu e meus colegas bolsistas, pudemos colocar em prática aquilo que estávamos vendo na teoria, na Universidade, e pôr em prática auxiliando os docentes e principalmente os alunos. Quando sempre me perguntam sobre a minha atuação no programa, me recordo de um projeto que idealizei e que colhi muitos frutos que me fizeram ser o professor que sou hoje, a saber: criamos uma atividade diagnóstica e aplicamos em todo o Ensino Médio (mais de 500 alunos) da Escola no início do ano letivo; os resultados que tivemos foram muito baixos (média global 3,5); fizemos diversas intervenções no decorrer do ano (não para todos os alunos, pois muitos desistiram de participar por conta de barreiras ligadas com nossa disciplina); em

		dezembro, prestes a acabar o programa, aplicamos uma nova atividade e a média subiu para 6,7. Desse projeto, eu concluo que com o acolhimento ao aluno e a força de vontade é possível transformar (mesmo que seja em parcelas pequenas, porém significativas) a educação de nosso país por meio de um programa tão importante, tanto para os licenciandos quanto para a rede pública.
12	O estágio obrigatório representou, para mim, um primeiro passo ao ambiente escolar. Através da minha vivência como observador no estágio obrigatório, eu fui capaz de ver o relacionamento de diferentes turmas com um mesmo professor, vivenciar como um mesmo tema deve ser abordado de forma diferente para cada turma e inferir que o desempenho dos alunos varia diariamente por fatores além da escola.	O PIBID representou, para mim, um ambiente de experimentação e construção de conhecimento. Nele, eu pude desconstruir impressões e desenvolver coletivamente práticas diferentes das que vi e vivi durante a educação básica. O PIBID me permitiu atuar na sala de aula, me permitiu errar e, através da reflexão sobre o meu próprio erro, construir novos saberes e novas práticas sobre a educação. Pude vivenciar situações semelhantes com as do estágio obrigatório e me basear nas observações que fiz para tentar atuar da melhor forma possível em aula. Para isso a experiência coletiva foi essencial, pois, pudemos trocar experiências e pontos de vista, debater sobre as ações que tomamos individualmente ou em grupo e contar com o apoio da professora regente e dos próprios alunos, em espaços de diálogo ou no dia a dia, sempre que precisamos. Em resumo, enquanto o Estágio Obrigatório representou para mim um espaço de conhecimento, o PIBID representou um espaço de de aprendizado.

Em função das respostas coletadas, é possível constatar que existem benefícios tanto no Estágio quanto no PIBID, mas várias respostas nos mostram uma maior tendência para a valorização dos conhecimentos práticos conseguidos durante o PIBID. Alguns antigos pibidianos chegam a se posicionar, dizendo que o Estágio oferta conhecimento e o PIBID aprendizado. Na prática, então, é possível dizer que o PIBID garante, mais do que o estágio, a união entre a teoria, trabalhada durante as aulas dos componentes curriculares da Licenciatura em Letras, e a prática do ambiente educacional das aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Na maioria dos relatos, os participantes reforçaram que o Estágio Obrigatório fez com que eles tivessem um primeiro contato com a sala de aula ou um novo ponto de vista sobre a educação, contudo, de maneira mais superficial, se comparada a realidade propiciada pelo PIBID. Além disso, mais de um participante enfatizou que o Estágio Obrigatório se limitava apenas à observação da dinâmica escolar. Os antigos participantes do PIBID, por fim, acreditam que se a dinâmica entre estagiário e escola fosse mais ativa, seria mais válido e significativo para a formação docente inicial de professores que atuarão em um país que necessidade de tantos professores competentes, capacitados e comprometidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término da pesquisa que foi desenvolvida e que aqui foi descrita, foi possível responder ao problema de pesquisa inicial: quais são os benefícios do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório e do PIBID para a formação docente inicial?

Estágio Curricular Supervisionado, para muitos, é como uma experiência nunca vivenciada que é desejada com entusiasmo. É, muitas vezes, o primeiro contato com a Educação Básica após o início da graduação, ou seja, após passar anos crescendo como aluno do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Agora, o graduando voltará para o âmbito escolar como observador e, em pouco tempo, atuará como docente. Nesse momento, muitos estagiários vivenciam a situação de observar a cena pedagógica e podem refletir sobre inconsistências e acertos das metodologias de ensino de Língua Portuguesa.

Deixando de lado o fato de que vários professores de Língua Portuguesa, principalmente da rede pública, desestimulam os jovens graduandos a permanecer na educação, o estágio é uma experiência rica.

O PIBID, por sua vez, envolve a prática docente, sendo assim, mais significativo, do ponto de vista da formação, do que apenas ser observador do funcionamento escolar. Os pibidianos têm função ativa na escola em que ocorre o programa, atuando como professores que pesquisam temas, preparam atividades, montam materiais, ministram aulas e corrigem propostas textuais produzidas por anos da Educação Básica.

As experiências vividas pelos professores em seus processos de formação - quer inicial quer continuada - interferem nos seus saberes pedagógicos e também nos seus saberes de experiência, fazendo-os apoiar ou refutar teorias e práticas. A complexidade das situações de ensino e de aprendizagem nos espaços formativos corrobora para que esses sujeitos elejam determinadas referências para seu fazer pedagógico (FARIAS, 2009, p. 145).

Dessa forma, conclui-se que as duas experiências vivenciadas na Licenciatura em Letras agregam benefícios na formação docente dos universitários. Com o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório os graduandos aguçam suas percepções observacionais e desenvolvem a autoavaliação a partir dos exemplos observados. Ou seja, o licenciando, enquanto estagiário, idealiza seu futuro profissional, o que gostaria de fazer/ser ou não a partir das aulas que observa. Em muitas situações, uma visão externa da circunstância auxilia a perceber o que pode ser transformado.

Por outro lado, no PIBID, pode-se dizer que os benefícios estão em todas as esferas. O licenciando é, enquanto pibidiano, peça fundamental na relação escolar. A prática docente acontece de maneira ativa e o aprendizado acontece a partir das próprias experiências - das obrigações burocráticas que precisa cumprir, da desenvoltura que necessita possuir na sala de aula e na relação com os alunos que é imprescindível construir. Os benefícios dessa experiência ultrapassam o campo profissional. Essas vivências transformam a vida de quem as vive.

Embora, predominantemente, os entrevistados que participaram desta pesquisa tenham evidenciado que o PIBID foi mais importante para a sua formação inicial, as duas experiências docentes obtidas na graduação ajudam os futuros professores para que eles possam se tornar profissionais mais bem instruídos e conscientes de seu papel em ajudar na melhoria de um dos elementos mais fundamentais da vida: a educação.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino da língua portuguesa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2016.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2012.

BIANCHI, Anna Cecília de Moraes; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. **Orientação para Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BRASIL. **Parecer CNE/CES nº. 109/2002**, de 13 de março de 2002. Consulta sobre aplicação da Resolução de carga horária para os cursos de Formação de Professores. Diário Oficial da União, Brasília, 13 maio 2002. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjmuNOnuoLqAhXpHbkGHZhoDU0QFjAAegQIBRAB&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Fsesu%2Farquivos%2Fpdf%2FCNECES109.pdf&usg=AOvVaw3_Qg7a1nx3SH0lxfi04tPR. Acesso em: 17 nov. 2020.

_____. **Resolução CNE/CP nº. 01/2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília, 09 de abr. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf. Acesso em 17 de nov. 2020.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de [et al.]. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2009 (Série formar).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CAPES. **Pibid**: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. 03/09/2008. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 17 mar. 2020.

GRESS, Lori Alice. **Pesquisa Educacional**. São Paulo: Loyola, 1998.

JORNAL NACIONAL. **Anuário da Educação Básica mostra falta de professores bem preparados**. 25/06/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/06/25/anuario-da-educacao-basica-mostra-falta-de-professores-bem-preparados.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2020.

LAJOLO, Marisa. No jardim das Letras, o pomo da discórdia. **Boletim 3/4 ALBS**, Rio Grande do Sul, p. 10-27, 1988.

MARTINS, Valéria Bussola. **A utilização de redes sociais na formação docente**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

_____. **Formação docente inicial, estágios supervisionados e Pibid em tempos de pandemia**. Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/14602/11087>. Acesso em: 2 jun. 2021.

NEVES, Carla das. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da educação esquematizada. Rio de Janeiro: Ed. Ferreira, 2010.

NOFFS, Neide de Aquino; RODRIGUES, Regina Célia Cola. A formação docente: PIBID e o estágio curricular supervisionado. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 01, p. 357-374, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/about/submissions#authorGuidelines>. Acesso em: 23 set. 2020.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica** - Projetos de Pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores no Brasil**: dilemas e perspectiva. Poéses pedagógica, v. 09, nº. 1, 2011.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 2005.

TODOS PELA EDUCAÇÃO; MODERNA. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019**. Disponível em: <http://bit.ly/2X1izKu>. Acesso em: 23 jan. 2020.

VITORINO, Fabrício. Brasil cai para último lugar no ranking de status do professor. 08/11/2018. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/11/08/brasil-caipara-ultimo-lugar-no-ranking-de-status-do-professor.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2020.

Contatos: danielly.pereira14@hotmail.com e valeria.martins@mackenzie.br